



Corpo, sexo e gênero: Alguns contributos das teorias antropológicas clássicas às contemporâneas

Letícia Yumi Shimoda
1º semestre/ 2013

Roteiro de Atividades Didáticas

Atividade 1: Gênero, corpo e papéis sociais

- Apresentação do vídeo “Acorda, Raimundo, acorda!”;
- Questões propostas pelo/a professor/a, a serem discutidas e respondidas em grupo. Abertura para debate junto com a sala, com cada grupo expondo suas respostas e reflexões.

Objetivos:

- Refletir sobre o lugar construído socialmente para homens e mulheres, sua construção histórica e sua possibilidade de mudança.
- Discutir como corpos, comportamentos e práticas são ensinados com base em papéis na sociedade.
- Refletir sobre as relações de poder e as desigualdades que são geradas e geram as diferenças de sexo e gênero.

Previsão de desenvolvimento:

Duas aulas de 50 minutos.

Recursos necessários:



Computador e projetor.

Dinâmica utilizada:

Na primeira aula apresentação do vídeo “Acorda Raimundo... Acorda”¹ em sala de vídeo ou televisão na própria sala de aula.

Ficha técnica do filme:

Direção: Alfredo Alves

Tipo: Ficção

Ano de produção: 1990

Duração: 16 minutos

Origem: Brasil (RJ)

Produtora: CET A-IBASE, Iser vídeo

O vídeo apresenta o cotidiano de uma família operária, no entanto, os papéis do casal são inversos daqueles presentes em nossa sociedade. Raimundo é dono-de-casa e cuida dos filhos, faz o café-da-manhã, pendura a roupa no varal, faz a comida, pede dinheiro para a esposa para fazer compras para a casa e conta a Marta, sua esposa, que está grávido. Marta lhe responde com agressividade, pondo a culpa no marido por terem mais um filho sem condições para isso. Ela trabalha numa oficina de carros, reclama que o café não está bom, pede para que Raimundo pregue botão em sua saia, e após o expediente sai para tomar cerveja com as amigas, voltando bêbada para casa. Após uma briga do casal, Marta acorda com Raimundo lhe sufocando, com um travesseiro sobre seu rosto, Raimundo então percebe que estava tendo um pesadelo e sai de cima de Marta. A rotina do casal recomeça, porém dessa vez quem vai fazer o café é Marta. Raimundo é quem pergunta pelos seus sapatos e grita com os filhos, aliviado que tudo não passou de um pesadelo.

O vídeo, por trazer papéis invertidos ao que estamos habituados, causa estranhamento e explicita a existência de funções demarcadas segundo sexo e gênero e as formas de opressões a elas ligadas. Fica evidente também como essa divisão binária e as funções atribuídas a cada parte estão naturalizadas em nossa sociedade, de modo que não existe nenhum estranhamento e não nos questionamos quanto à reprodução cotidiana de tais comportamentos, a não ser quando esses papéis são minimamente bagunçados.

¹ Disponível em <http://www.youtube.com/playlist?list=PLBFD1BCBCEA7C46D9>.



O encaminhamento da aula, após a exibição do vídeo pode trazer essas questões como gancho, aproveitando as reações e opiniões expressas pelos/as alunos/as sobre o vídeo. O/a professor/a pode junto à sala levantar cenas e trechos do filme que causam mais estranhamento e que evidenciam a troca dos papéis, por exemplo, a cena em que o filho homem brinca de boneca. Também provocar a reflexão nos alunos sobre o argumento do vídeo, ou a intensão dele.

No restante da aula o/a professor/a traz algumas questões a serem discutidas e respondidas em grupos de 5 ou 6 alunos, tendo o vídeo como provocador.

Sugestões de questões:

1 – O que você entende por ser mulher e homem atualmente? Como o vídeo “Acorda, Raimundo... Acorda!” representa isso? Traga exemplos.

2 – Você acha que ser homem e mulher mudou ao longo do tempo ou as relações permanecem iguais? Ser mulher e homem nos dias de hoje é diferente de 50 anos atrás? E de 200 anos atrás? Apresente mudanças de comportamento e costumes ao longo do tempo.

3 – Quais desigualdades de direitos entre homens e mulheres você percebe no seu cotidiano?

Na segunda aula, com os alunos em grupos deixar que terminem de discutir e escrever respostas das questões trazidas, pedir que cada grupo fale para a sala suas respostas, promovendo um debate com todos. O/a professor/a deve aproveitar as questões trazidas pela turma para apresentar apontamentos, se atendo ao que parece de maior relevância para eles.

Além disso, é importante pontuar como os papéis de gênero não são naturais, são atribuições sociais e por isso sofrem transformações ao longo do tempo. Atentar para que as funções e comportamentos apresentados nos vídeos não estão intrínsecos ao corpo, são ensinados e reproduzidos e por isso não é impossível uma sociedade onde os papéis - para nós invertidos, fossem na verdade uma realidade. Podem ser apresentados exemplos colocados por Margareth Mead em Sexo e Temperamento, como trabalhado no texto teórico.



Atividade 2: Disciplinamento dos corpos e gênero

Leitura de texto e de imagens que problematizem as relações de sexo e gênero em nossa sociedade, utilizando-os para apontamentos sobre formas de mecanismos de poder.

Objetivos:

- Refletir sobre o corpo da mulher e mecanismos de poder que atuam sobre ele; as formas de repressão assim geradas, através de questões religiosas, mercado e padrões de beleza, violência de gênero e controle masculino.
- Refletir sobre como as posições de mídias, notícias e opiniões podem ser potencializadas e difundidas na forma de imagens.

Previsão de desenvolvimento:

Duas aulas de 50 minutos.

Recursos necessários:

Computador, projetor e impressão de textos.

Dinâmica utilizada:

Leitura de texto seguida de reflexão. (texto anexo ao final do roteiro).

Pontuar que o texto foi publicado no Blog “Escreva Lola escreva”, que traz textos da profª Lola Aronovich da Universidade Federal do Ceará, que versam sobre as questões de gênero, sexo, relações sexuais, mulher e mídia, orientação sexual, direito das minorias, entre outros.

Questões para estimular a discussão:

- O texto afirma haver uma cultura do estupro, porque muitos discordam disso?
- De que forma essa cultura do estupro se mantém? Por quais mecanismos ela se expressa, segundo a autora?
- Numa cultura do estupro quem é culpado/a por ele?
- O que a autora propõe para reverter essa situação?
- Qual o papel da mídia diante dessa problemática?

Apresentação de imagens, a ser comentadas e discutidas junto com a sala. Para cada uma delas perguntar o que a turma vê, o que entendem sobre ela, o que ela quer dizer



ou que mensagem ela passa. A discussão deve se guiar a partir do que for falado pelos/as alunos/as.

Sugestão de imagens e de questões:



O menino que aparece no filme da aula anterior brinca do quê? Porque isso causou estranhamento? As crianças em geral brincam das mesmas coisas em nossa sociedade? Como isso faz parte da formação de homens e mulheres?



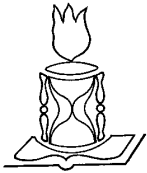
Que imagens de mulher são apresentadas nas mídias? Elas correspondem com a diversidade de corpos, identidades e gêneros presentes cotidianamente?



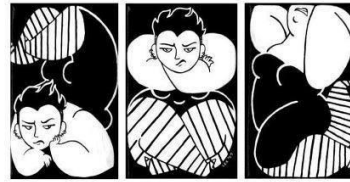
Como as mídias produzem/reproduzem modelos de corpos a serem desejados pelas pessoas? Isso demonstra uma forma de poder ou controle?

De quem são os “seus” padrões a que a frase se refere?

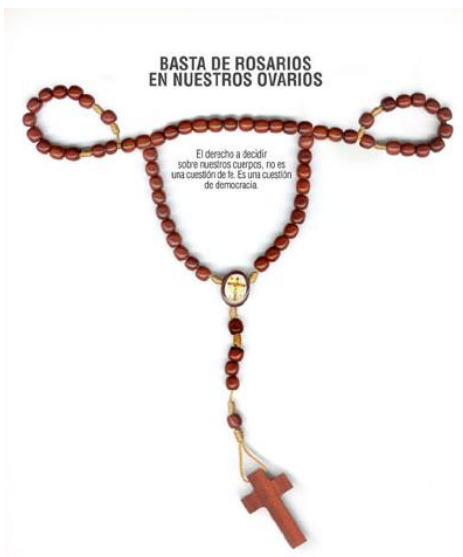
Porque há uma luta contra o próprio corpo?



Você não precisa lutar contra seu corpo



Você precisa lutar contra os padrões de beleza impostos por essa sociedade preconceituosa!



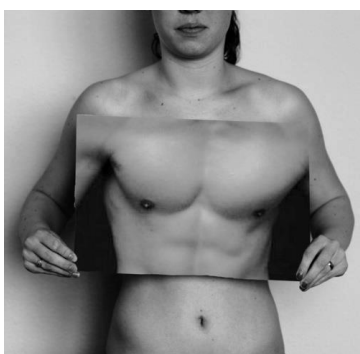
A frase diz: Chega de rosários em nossos ovários, o que ela, junto com a imagem, quer dizer? Em quais exemplos atuais podemos pensar relacionados à crítica feita por essa imagem?



A que os cartazes contestam? Como as questões de sexo e gênero se relacionam com os problemas questionados por eles?



Se utilizando da ironia, o que a charge diz sobre como os nossos corpos são construídos em nossas sociedades, a partir de divisões de sexo/gênero?



Após uma onda de censura na rede social Facebook sobre fotos que apareciam peitos femininos ou qualquer imagem com formatos semelhantes, essa imagem foi divulgada em forma de contestação. Como podemos interpretá-la? Como são expostos os corpos nus de diferentes sexos/gêneros nas mídias?

Fechamento da aula, amarrando as questões levantadas a partir da leitura do texto e das imagens. Pode ser feita uma reflexão de como imagens (de propagandas, programas, filmes) re/produzidas pelas mídias são mecanismos de construir e manter determinadas posições de poder que geram opressões e controles. Contrapor a isso as outras imagens apresentadas que visam questionar a preponderância desses poderes, trazendo questionamentos e reivindicando mudança de comportamentos, hábitos e valores. Como essas imagens se posicionam diante da questão colocada nas últimas frases pela autora?

Anexo:

Cultura de Estupro? Não, Imagine!

Sempre que se fala em cultura de estupro, vem homens dizer que de jeito nenhum, isso não existe, é paranoia de feminista. Eu digo que cultura de estupro é quando temos uma sociedade que tolera e até incentiva o estupro, e que está sempre pronta pra culpar a vítima. Costumo dar alguns exemplos. Tipo: se você foi vítima de estupro e estiver procurando ajuda, será mais fácil encontrar na internet vídeos pornôns com simulações de estupro, mostrando estupro como algo excitante, do que instruções tratando de delegacias e exames de corpo de delito.



Cultura de estupro é comediante dizer que homem que estupra mulher feia não merece cadeia, merece um abraço, e metade da população rir e, diante dos protestos da outra metade, xingar quem se indignou com o chiste de mal amada, mocreia, sapatão, “nem pra ser estuprada vc serve”. Cultura de estupro é vender camisa (e muita gente comprar pra usar) com “fórmula do amor”, que equivale a embebedar a mulher para conseguir sexo sem resistência. Cultura de estupro é um programa de TV fazer rir em cima de um problema que acomete milhares de mulheres por dia (bolinações dentro de meios de transporte coletivo). Cultura de estupro é anúncio de preservativo brincar que sexo sem consentimento queima mais calorias.

Cultura de estupro é o comercial da Nova Schin estar passando na TV há meses sem que se veja qualquer problema. Não viu o comercial? Eu explico: um grupo de amigos, só homens e brancos, bebem na praia, quando um deles, ao observar mulheres, pergunta pros outros: “Já pensou se a gente fosse invisível?”. Corte pra latinhas de cerveja flutuando, representando que a fantasia virou realidade. E o que os homens invisíveis estão fazendo? Passando a mão na bunda de mulheres no mar. Sacaneando um cara que joga frescobol. Tocando o terror na praia.

Até que entram num vestiário feminino. A câmera não mostra tudo, só as latinhas abrindo a porta, e mulheres correndo pra fora, aterrorizadas. O mais perverso é que, mesmo no “clima de humor” do comercial, a expressão no rosto das mulheres é de pavor. Na maior parte das vezes, quando homens fazem piadas de estupro, atenuam a violência fingindo que a vítima está gostando (esta também é uma mensagem perversa, claro). Aqui nem tentam isso. As mulheres saem correndo dos homens invisíveis com medo mesmo.

Publicitário é um bicho arrogante e egocêntrico (eu fui redatora publicitária em outra encarnação). Mas uma de suas funções é estar antenado com o mundo, saber o que acontece, conhecer outros produtos culturais. Daí eu imagino que os publicitários saibam que, desde 2009, as leis brasileiras deixaram de considerar estupro apenas quando há penetração vaginal. Hoje temos uma das leis mais abrangentes do mundo, e passar a mão também pode ser visto como estupro. Ou seja: o que os homens invisíveis do comercial da Nova Schin fazem, pela lei, é estupro. E eles morrem de rir disso. Se fosse com eles, seria engraçado?

Mesmo que os publicitários não conheçam a lei, eles definitivamente conhecem O Homem Sem Sombra, filme de 2000 do Paul Verhoeven. Nesse thriller, Kevin Bacon faz um cientista que descobre a fórmula da invisibilidade, e a testa nele mesmo. Ele vai ficando cada vez mais obcecado com esse poder, até que decide estuprar uma vizinha que ele espia pela janela. A cena é terrível (você pode vê-la aqui, e aqui a continuação, com o comentário do diretor explicando que tiveram que suavizar o estupro), mas mais chocante ainda é o número de comentaristas no YouTube fazendo piadinhas (“ela vai ter um filho invisível?”) e afirmando que, na pele do cientista, fariam exatamente a mesma coisa -- estuprariam mulheres.

E eles não estão brincando. Não tenho tempo para encontrar todas as pesquisas que já li mostrando que, se estupro não fosse crime, muitos homens estuprariam. Margo Paine fez um estudo com universitários americanos, e os números, publicados em Body Wars, não são bonitos. 30% dos entrevistados responderam que estuprariam se não houvesse consequências legais. 8% revelaram já ter estuprado ou ter tentado estuprar. 83% concordaram com a expressão “Algumas mulheres parecem que estão pedindo para ser estupradas”. Diante de resultados assim, você ainda quer manter sua certeza de que apenas psicopatas estupram? De que não vivemos numa cultura de estupro?

Um dos problemas é que boa parte dos homens não faz ideia do que seja estupro. Estupro, pra eles, é só o que acontece num beco escuro à noite entre um psicopata e uma mulher que, pelas roupas, “estava pedindo”. E tem que haver muita violência física para que esses mesmos homens encarem aquilo como estupro. Para esses cidadãos, não passa a



ideia de que estupro é pura e simplesmente sexo sem consentimento. Nesse mesmo estudo de Paine, quando a palavra *estupro* foi substituída por “sexo forçado”, 54% dos entrevistados disseram que “forçariam sexo”. Quer dizer... Muitos homens não veem forçar sexo como estupro! Assim como a Prudence não vê sexo sem consentimento como estupro. Assim como a Nova Schin não vê agarrar mulheres nuas como estupro.

É exatamente isso que a cultura de estupro faz com a sociedade: ensina que mulher faz charminho, que quando ela diz *não* ela no fundo está dizendo *sim*, que é totalmente normal pra uma mulher, que obviamente nem gosta de sexo, “vender caro seu passe”, fingindo refutar o macho incontrolável para assim se valorizar. E que homens são eternos brincalhões, *boys will be boys*.

Acho que nunca publiquei um só post sobre estupro sem que viesse algum sujeito dizer que aquilo é besteira, que somos paranoicas, que não deveríamos dar importância pra aquilo, que deveríamos estar falando da corrupção do governo ou salvando crianças na África. Ou sem que viesse algum cara dizer que o caso narrado simplesmente não aconteceu, que a mulher está mentindo, que aquilo não é estupro de jeito nenhum, que as mulheres gostam, que imagina se aquela propaganda faz apologia do estupro!, que nós é que não temos senso de humor. O que eu leio em todas essas frases é apenas um recado vindo de homens: “Não quero saber de assuntos de mulheres, mas quero continuar podendo rir deles”.

Que tal trocar o disco? Que tal assumir sua responsabilidade nesta cultura de estupro? Temos basicamente dois times: um que luta pelo fim do estupro e pela liberdade das mulheres; outro que luta para manter o privilégio de encarar estupro como piadinha e manter as mulheres com medo. Em que time estão os publicitários e a mídia em geral? Em que time *você* está?

Por Lola Aronovich, prof^a dra. da UFC.

Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/08/cultura-de-estupro-nao-imagine.html>



Atividade 3: Atividade prática: produção e difusão de ideias através de imagens

Síntese de ideias, produção e debate.

Objetivos:

- Desenvolver a síntese de ideias, a produção textual e imagética do/a aluno/a.
- Avaliar o processo de aprendizado;
- Promover reflexão com debate a cerca das ideias defendidas e apresentadas pelas/os alunas/os.

Previsão de desenvolvimento:

Três aulas de 50 minutos.

Recursos necessários:

Revistas, jornais, papéis cartolina ou craft, papéis coloridos, lápis de cor, caneta hidrocolor, tinta, tesoura, cola, outros materiais de arte e câmera fotográfica.

Dinâmica utilizada:

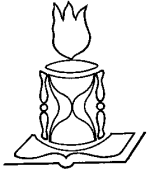
1ª aula:

O/a professor/a irá propor aos alunos que se reúnam em grupos para pensarem nas discussões feitas ao longo da sequência didática, destacando o que lhes foi mais marcante. O grupo, após discutir, deverá elaborar um pequeno texto a cerca dessa questão.

Elaborado o texto, o grupo deverá planejar uma composição de imagem que ilustre essa ideia. O/a professor/a pode apresentar aos alunos possibilidades de como essa composição pode ser feita: recortes de revistas e jornais, fotos próprias que queiram tirar, frases, colagens, desenho, charge, tirinha. As imagens apresentadas na aula anterior podem servir de exemplo de formatos que é possível utilizar.

2ª aula:

Disponibilizar para os alunos revistas, jornais, papéis cartolina ou craft, papéis coloridos, lápis de cor, caneta hidrocolor, tinta, tesoura, cola, outros materiais de arte e câmera fotográfica, para que os alunos possam executar o projeto planejado durante a primeira aula.



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH
Departamento de Sociologia
Laboratório Didático - USP ensina Sociologia

Acompanhar os grupos para auxiliar na execução, trazendo questionamentos que facilitam o processo do grupo de transpor o texto em imagens.

3ª aula:

Cada grupo irá apresentar o que produziu, justificando o propósito com a montagem, foto, desenho, etc. Promover discussão entre a sala a partir do que o grupo apresentar.